

El tercer apèndix, «Principales personajes femeninos», de 5 pàgines, es divideix en els apartats «1. Finales de la República», «2. Las Julio-claudias», «3. Emperatrices de los Severos» i «4. Otras». En aquests índexs podem cercar ràpidament la informació biogràfica sintetitzada de cada personatge femení: naixement i mort, títols, filiació, matrimonis, descendència i causa de la mort. Combinant aquests apèndixs amb els índexs finals trobarem de manera molt ràpida la informació i anàlisi desenvolupades a l'obra sobre cada personatge i també les cites que li fan referència. Els índexs finals són «Índice de mujeres», de 5 pàgines, «Índice de emperadores», de 2 pàgines, i «Índice alfabético», de 17 pàgines.

Podem concloure que aquesta obra suposa una aportació extraordinàriament substancial en l'àmbit dels estudis de gènere en l'Antiguitat. L'autor no es limita a anomenar les dones que, de manera excepcional,

haurien ocupat posicions tradicionalment masculines ni tampoc no es tracta d'un seguit de relats biogràfics de dones a l'ombra dels homes, sinó que, tot al contrari, amb una visió panoràmica i ben formada, presenta el procedir de les dones dins d'un sistema polític eminentment patriarcal. Un dels elements clau en el discurs d'aquest treball és l'existència d'una línia matrilineal en les dinasties que ocuparen la corona imperial, per la qual la legitimitat continguda en la sang imperial es transmeté, de fet, per via femenina. Tanmateix, l'obra s'ocupa de tractar el procés evolutiu d'aquesta posició femenina dins l'esquema social, polític i econòmic romà. De la Bédoyère, a més, ho fa amb generositat cap al lector, presentant-li amb cura tots els motius que recolzen les hipòtesis descrites, facilitant molt la lectura d'aquest volum.

Albert Sabaté Morales

Lorenzo CALVELLI (coord.), *La falsificazione epigrafica — Questioni di metodo e casi di studio* (Antichistica 25; Storia ed Epigrafia 8), Venezia, Edizioni Ca' Foscari, 2019, 312 pp., ilustrado: e-ISSN: 2610-8291; ISSN: 2610-8801; URL: <http://edizionicafoscari.unive.it/it/edizioni/collane/antichistica/>

Resulta este volume da investigação levada a efeito no seio do projecto PRIN, surgido em 2017 sob o título «False testimonianze. Copie, contraffazioni, manipolazioni e abusi del documento epigrafico antico», financiado pelo ministério italiano dell'Università e della Ricerca, projecto que reuniu cerca de 40 especialistas, pertencentes a 12 universidades públicas italianas.

No texto de abertura, «La ricerca sulla falsificazione epigrafica oggi — Dove siamo e dove andiamo», Lorenzo Calvelli começa por citar uma sintomática frase de Silvio Panciera, datada de 1970, que apontava as deficiências então ainda existentes neste do-

mínio do estudo das inscrições latinas falsas, «da un'indagine approfondita di quel che si debba intendere per falso epigrafico antico e moderno, ad una soddisfacente classificazione dei falsi stessi, che tenga debito conto dei metodi d'invenzione, dei procedimenti materiali, dei moventi, che sono molteplici e variano spesso con i tempi, i luoghi, le personalità dei falsari». Ou seja, importava clarificar a noção de «falso».

Nesse sentido, refere mais adiante (p. 9) a opinião de Alfredo Buonopane, segundo o qual «si può riconoscere una sostanziale tripartizione tra i falsi realizzati a scopo di dolo, le copie o repliche (totali, parziali e/o

interpolate) di iscrizioni antiche, create a fini didattici o espositivi, e i testi o i monumenti che semplicemente imitano modelli epigrafici classici, senza alcuna finalità di inganno». Há falsos intencionais, com a finalidade de aduzir argumento comprovativo de uma afirmação; há as cópias sem outra intenção que a de preservar a memória de um texto inscrito; e há as imitações.

Importa, finalmente, não esquecer que um monumento falso constitui, também ele, uma fonte histórica, porque reflecte o ambiente cultural em que surgiu, além de ser, naturalmente, mais uma prova da importância que uma epígrafe detém como fonte histórica, uma vez que não se hesita em a forjar ou em referir a sua existência sempre que se quer provar um facto, como o próprio Caldelli salienta: «È infine essenziale ricordare che, anche se riconosciuta come falsa, un'iscrizione può comunque assolvere la funzione di fonte storica, ovviamente rispetto al contesto culturale in cui fu effettivamente prodotta e non a quello a cui finge di riferirsi» (p. 10).

Se, até não há muito tempo, uma inscrição falsa era algo a rejeitar *a priori*, a orientação metodológica vai agora no sentido de bem a contextualizar tanto na conjuntura da época como no âmbito específico de quem poderia ter sido o seu autor e quais os objectivos — ocultos ou patentes — que visa alcançar. Aliás, é nesse âmbito que se insere o texto «Lineamenti per una storia della critica della falsificazione epigrafica» (pp. 81-102), da autoria do próprio coordenador da edição: perante uma falsificação epigráfica, hemos de adoptar uma atitude de mui eficaz crítica histórica, onde a heurística (a procura de fontes inspiradoras para a falsificação) e a hermenêutica (a meticulosa análise do documento em si em todos os seus aspectos — físicos, gráficos e textuais) têm obrigatoriamente de estar presentes.

Por conseguinte, tanto o projecto PRIN como, de modo especial, os resultados

obtidos perante casos concretos que são escarpelizados no volume vão ao encontro de uma inovadora perspectiva, susceptível de trazer — como a leitura do livro bem documenta — os melhores resultados.

Dir-se-á que, tendo em conta as considerações feitas pelo coordenador Lorenzo Calvelli, a obra apresenta mui significativas contribuições tanto na metodologia como na exemplificação de casos concretos.

Assim, Michele Bellomo e Silvia Gazzoli debruçam-se sobre «i falsi di Cernusco», a que está ligado Monsignor Luigi Biraghi (pp. 15-30).

Pierangelo Buongiorno estuda, por seu turno (pp. 31-47), as peripécias por que passou — entre Ciriaco de Pizziccoli, Antonio Agustín e Eugen Bormann — um *senatus consultum* falso, o célebre *decretum Rubiconis*.

Surgiu, entretanto, a Internet com o seu amplíssimo cortejo digital de potencialidades, inclusive na descoberta de 'novas' inscrições, capazes de documentar factos históricos já esquecidos. É dessa «fenomenologia» dos «'Falsi epigrafici' in Internet» que tratam Silvia Braito e Alfredo Buonopane (pp. 49-68).

Também as colecções inglesas não escaparam à inclusão de falsidades: é «Il caso del Fitzwilliam Museum di Cambridge», exhaustivamente analisado pela competência de Maria Letizia Caldelli (pp. 69-80).

Antonio Maria Corda e Antonio Ibba, ao perscrutarem a procura e a produção de inscrições latinas na Sardenha entre os séculos XVI e XIX, concluíram na possibilidade de o falsário ter uma má consciência do que estava a fazer (pp. 103-125).

No Piemonte do século XVI — e eu ousaria dizer que, nesse século XVI, o panorama piemontês se repercute por toda a Europa Ocidental — aponta Silvia Giorcelli (pp. 127-147), a existência de falsários, usando, aliás, uma frase deveras significativa: «Monsù Pingon e gli altri»!

Prende-se com a atrás referida heurística a pesquisa levada a efeito por Gian Luca Gregori e Alessandro Papini (pp. 149-160), na medida em que indagam da possível gênese — que para eles resultaria ‘interessante’ — das epígrafes *CIL* VI, 990* e *CIL* VI, 991*, a que estariam ligados os estudiosos Mariangelo Accursio e Pirro Ligorio, tanto mais que *CIL* VI, 991* «would have appeared on the grave stone of the freedman M. Accursius Plocamus, ministrator ab argento scaenico, who also claims to have dedicated a marble ossuary to his wife Accurtia Omolla», personalidade importante, pois, a cuja descendência o próprio Mariangelo Accursio poderia pertencer!...

Fulvia Mainardis preferiu interessar-se (pp. 161-178) por um manuscrito, ora guardado na British Library, da autoria de Jacopo Valvasone di Maniago, nobre natural de Friuli (1499-1570). Theodor Mommsen teve oportunidade de ver o manuscrito em 1876, pouco tempo antes da publicação da 2ª parte de *CIL* V (inscrições da Gália Cisalpina), e formulou desde logo a opinião que Valvasone aí incluía «uma longa lista de textos forjados». Fulvia Mainardis analisou uma a uma as epígrafes referidas, inclusive reproduzindo desenhos de alluma, e concluiu que poderia não ter sido bem assim: 1) em três das inscrições *falsae*, Valvasone «opera una combinazione di contemporaneità, gioco poetico e stile epigráfico in un equilibrio difficile da definire soprattutto nel suo scopo»; 2) «quando trascrive epigrafi sicuramente genuine, perdute o conservate, ha un’attenzione particolare per quanto sopravvive sulla pietra, correggendo le sue trascrizioni e registrando anche fenomeni grafici come le inclusioni di lettere»; 3) será, portanto, «un auctor degno di fede a cui forse, se non proprio toltà, andrebbe almeno posta seriamente in dubbio l’etichetta di falsario» com que Mommsen o catalogara (p. 176).

«La città e i suoi falsi» foi o título dado por Silvia Maria Marengo à sua contribuição (pp. 179-192), em que procede à análise do capítulo das inscrições *falsae* de *CIL* XI, ocupando-se fundamentalmente das cidades da Úmbria adriática. Com base em exemplos concretos, giza a investigadora uma boa síntese acerca dos motivos que podem levar os eruditos de uma cidade a forjarem inscrições pretensamente romanas: a comemoração de grandes eventos de que foram palco; o enaltecimento das glórias cidadinas; a reivindicação de ‘raízes romanas’; a explicação da toponímia; a necessidade de a cidade de se apresentar como «diantica e nobile fondazione» (pp. 186-187); a oportunidade de se aduzir uma epígrafe para confirmar dados presentes noutras fontes; e, também, o desejo de atribuir maior lustro às famílias urbanas mais influentes.

Estudou Viviana Pettirossi um outro falsário, o padre Giuseppe Francesco Meyranesio, cuja vida breve (1729-1763) se passou entre duas povoações de montanha (Pietraporzio and Sambuco) no Valle Stura di Demonte, sito na actual província italiana de Cuneo, no Piemonte. Deveras sugestiva a pesquisa concretizada por Viviana Pettirossi, porque procurou, com base em sete exemplos, identificar os modelos que poderiam ter servido de inspiração ao sacerdote na criação dos textos epigráficos que nos legou, os arquétipos a que lançou mão e, de modo especial, os livros a que certamente pôde ter acesso nas bibliotecas dos dois seminários próximos (pp. 193-214).

O «caso di un *titulus* atestino» é pretexto para Antonio Pistellato tratar de «Digitalizzazione e intelligenza del falso epigrafico» (pp. 215-236), ainda que não se entenda bem o significado, aqui, da palavra «digitalizzazione». Pistellato dá conta, no fundo, das peripécias (bem ilustradas) por que passou a interpretação de um fragmento epigráfico (*CIL* V, 2484): dado a conhecer através de um

manuscrito, chegou a pensar-se que — com base em informações de Tito Lívio acerca dos Cenomanos — se propusera a sua total reconstituição, com dedicatória a Júpiter Amon, porque a tradição apontava para a existência, no local do achado, de um templo a essa divindade. Tal suposição, porque de mera suposição se tratava, suscitou a hipótese de se estar perante uma inscrição forjada; contudo, o fragmento como foi transmitido desde meados do século XIX está no Museu de Santa Giulia, em Brescia, e é autêntico.

«Falso quando?» — é a questão levantada por Antonio Sartori (pp. 237-248), a propósito de um monumento de Brenna, que, assumindo a forma típica dos altares romanos, apresenta um ‘texto’ onde é possível vislumbrar, de onde em onde, letras que, no entanto, não permitem formar palavras compreensíveis. Se teve primitivamente um texto autêntico e se, depois, alguém se divertiu a picar algumas letras e a escrever outras por cima, o certo é que nada se logrou entender do possível texto, mesmo através do recurso às mais recentes técnicas de digitalização fotográfica. Conclui, pois, Sartori que se está perante um monumento realmente falso, quer por se apresentar na roupagem de uma ara romana, quer por se tratar de «un falso nelle intenzioni», porque não visa transmitir uma informação e usa, para ter credibilidade, um pseudo-texto.

Transporta-nos Carlo Slavich ao mercado de Roma, onde, nos primórdios do século XX, se vendiam artefactos tidos como provenientes de escavações na cidade. Entre, obviamente, inscrições autênticas existiam outras forjadas, embora — frisa o autor — esse negócio não seja satisfatoriamente rentável, porque uma inscrição se comprava por tuta-e-meia: «Le iscrizioni sono una merce dinicchia», escreve, citando Ludwig Pollak (p. 251). E essa evocação é pretexto para se referir a duas inscrições distantes no espaço mas seguramente, em seu entender, saídas

da mesma mão, a de um falsário anónimo a que houve por bem designar de *Sententiosus*: está uma «ad Arezzo presso la Casa Museo dell’Antiquariato Ivan Bruschi» e outra «al Johns Hopkins Archaeology Museum di Baltimore» (pp. 249-262). «*Sententiosus*» porque estamos em presença de *sententiae*, uma delas *Erudimini / qui iudicatis / terram*, retirada do livro bíblico dos *Salmos* (2,10): «Deixai-vos instruir, juízes da terra». Tecem-se bem judiciosas considerações acerca do interesse, no mercado antiquário, dos epítáfios cristãos. E — parece-me evidente — a ‘falsidade’ reside em o vendedor afirmar tratar-se de objecto antigo, recolhido em escavações. A novidade da investigação de Carlo Slavich reside, todavia, na identificação do ‘fabricante’ das duas epígrafes, sendo a segunda também uma sentença, mais facilmente aplicável a uma sepultura: *Non splendor, non divitiae / sed animi corporisque / hic datur tranquillitas*, «Aqui se dá não o esplendor nem as divícias, mas a tranquilidade do espírito e do corpo»; daí a sua inclusão por E. Dihel, como cristã, no seu *Inscriptiones Latinae Christianae Veteres* (ILCV 2384).

O último texto deste volume é da responsabilidade de Ginette Vagenheim: «Pirro Ligorio et “l’histoire secrète” de la restauration de l’Acqua Vergine sous le pontificat de Pie IV (1559-65)» (pp. 263-286). Ginette Vagenheim acompanha a par e passo a descrição que Pirro Ligorio (1512-1583) nos deixou, na sua enciclopédia do mundo antigo intitulada *Antiquités Romaines*, sobre a sua participação no concurso lançado por Pio IV, no séc. XVI, para o restauro do aqueduto «Acqua Vergine». Narram-se as agruras por que passou esse processo, que só veria o seu termo em 1570, sob o pontificado de Pio V, em que foi possível admirar a água a jorrar abundante nas fontes romanas, nomeadamente na de Trevi, «pour le grand plaisir et bonheur du peuple tout entier, pour l’utilité

publique et l'ornement de la Ville elle-même» (p. 264).

Três índices completam mui utilmente o volume: fontes manuscritas, inscrições, nomes de pessoas e de lugares (pp. 287-310).

Uma vez que se trata do resultado de um projecto italiano, fácil é de compreender que apenas os casos italianos sejam objecto de estudo.

De qualquer modo, constitui o livro eloquente testemunho das formas de abordar cientificamente esta temática, susceptíveis de se aplicar à análise de inscrições falsas e de cópias patentes no mundo ibérico, nas Gálias...

Enfim, na historiografia de todos os países actuais cujo território integrava, há dois mil anos, o Império Romano, a cuja organização política, económica e religiosa — queira-se ou não! — mais frequentemente do que se pensa vão colher ensinamentos os que, ao longo de todas as épocas, hoje não hesitaríamos em designar de «fazedores de opinião».

E uma epígrafe forjada a preceito poderia, na verdade, ser uma prova eficaz da opinião que se pretendia inculcar!

José d'Encarnação

Catarina GASPAR, Helena GIMENO PASCUAL, Noelia VICENT RAMÍREZ (coord.), *Ambientes geográficos y territorio: El Guadiana entre Bética y Lusitania*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos e Alcalá de Henares, Fundación General de la Universidad de Alcalá, 2020, 240 páginas, ilustradas a cores. I S B N: 978-84-88754-56-1 e 978-972-9376-55-9. http://baetica.letras.ulisboa.pt/?page_id=70&lang=pt

Edição no âmbito do trabalho que está a ser desenvolvido para a nova edição do volume II do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, tendo sido, por isso, acompanhada de dois outros volumes do mesmo projecto, datados de 2019: IRCBM 2019 = M.M. ALVES DIAS ET ALII, *Inscrições Romanas dos Concelhos de Barrancos e Moura (Conventus Hispalensis, provincia Baetica)*; e IRCSerp. 2019 = M.M. ALVES DIAS ET ALII, *Inscrições Romanas do Concelho de Serpa (Serpa, conventus Hispalensis, provincia Baetica)*.

O volume tem a finalidade — bem expressa no título — de se consolidar a afirmação de que, no tempo dos Romanos, foi o rio Guadiana que fez fronteira entre as províncias da Lusitânia e da Bética.

Elisa de Sousa, Ana Margarida Arruda e Carlos Pereira dão conta (pp. 9-30) dos resultados da sua investigação acerca da passagem da Idade do Ferro para a época

romana no território envolvente da foz do Guadiana (estaremos recordados do intenso trabalho arqueológico levada a cabo por Ana Arruda em Castro Marim).

Pablo Paniego Díaz debruça-se sobre os dados colhidos no que concerne à implantação romana na bacia hidrográfica do rio Ardila, um dos afluentes da margem esquerda do Guadiana (pp. 31-61).

Pedro Albuquerque *et alii* interrogam-se: foi, na Antiguidade, o baixo Guadiana uma fronteira aquática ou líquida? (pp. 63-98). Optam por o considerarem uma fronteira líquida, após referirem, na p. 89, a existência de projectos de cooperação luso-espanhola destinados a estudar, valorizar e divulgar o património raiano, em geral, e o histórico-arqueológico, em particular, o que, no entender dos autores, «tem a particularidade de demonstrar que as fronteiras são unicamente limites administrativos e não barreiras físicas e culturais».